

Prática Jornalística e Formação: compreensões sobre o Jornal do Dária

Práctica Periodística y Formación: Comprensión sobre el periódico del Dária

Journalistic Practice and Formation: knowledge about Dárias's Newspaper

Élica Luiza Paiva¹

Fabiana Pereira dos Santos²

Resumo

Este artigo traz a narrativa de uma investigação que busca compreender como a prática jornalística para um jornal escolar impresso, realizada por alunos do Ensino Médio, contribui para a sua formação. Essa foi a intenção desta pesquisa que teve como campo empírico o Jornal do Dária, produzido pelos alunos do segundo e terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Dária Viana de Queiroz da cidade de Barra do Choça-Ba. Para chegar a essa compreensão foi utilizado como objeto de estudo o processo formativo que emerge da produção do Jornal do Dária. A pesquisa foi norteadada pelo método do estudo de caso e dentre as técnicas metodológicas estão: a observação, aplicação de questionário, realizações de entrevista e grupo focal. As discussões emergiram de referenciais teóricos sobre formação, currículo e jornalismo. Dentre as compreensões obtidas nesta pesquisa está a de que a prática jornalística na escola contribuiu para a formação dos estudantes que participaram da produção do Jornal do Dária.

Palavras-chave: Currículo; Formação; Jornal do Dária; Prática Jornalística.

Resumen

Este artículo trae la narrativa de una investigación que busca comprender cómo la práctica periodística para un periódico escolar impreso, held por alumnos de la Enseñanza Media, contribuye a su formación. Esta fue la intención de esta investigación que tuvo como campo empírico el Jornal do Dária, producido por los alumnos del segundo y tercer año de la Enseñanza Media del Colégio Estadual Dária Viana de Queiroz de la ciudad de Barra do Choça-Ba. Para llegar a esa comprensión se utilizó como objeto de estudio el proceso formativo que emerge de la producción del Jornal do Dária. La investigación fue orientada por el método del estudio de caso y entre las técnicas metodológicas están: la observación, aplicación de cuestionario, realizaciones de entrevista y grupo focal. Las discusiones surgieron de referenciales teóricos sobre formación, currículo y periodismo. Entre las comprensiones obtenidas en esta investigación está la de que la práctica periodística en la escuela contribuyó a la formación de los estudiantes que participaron en la producción del Jornal do Dária.

Palabras claves: Currículo; Formación; Periódico del Dária; Práctica Periodística.

Abstract

This article bring the narrative of an investigation which is looking for understand how the journalistic practice for a printed scholar newspaper realized by high school students can contribute to their formation. That was the

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (Ufba); É professora adjunta do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) e coordenadora do grupo de estudos e pesquisa Narrativas, Formação e Experiência (Naforme); campus Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; paivaelica@yahoo.com.br.

² Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), campus Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; fabianapsfabi@gmail.com.

intention of this search which had how empirical field the Dária's Newspaper that is produced by second and third year's high school students from Colégio Estadual Dária Viana de Queiroz from Barra do Choça, which is a city from Bahia's state. To get to this knowledge was used as study object the formative process that emerge from Dária's Newspaper production. The search was guided by the case study method and between the methodological technics are the observation, quiz application, interview and focal group execution. The discussions emerged from theoretical referential of formation, curriculum and journalism. Between the knowledge obtained in this search is that the journalistic practice at school contribute for the formation of students that participated in the Dária's Newspaper production.

Keywords: Curriculum; Formation; Dária's Newspaper; Journalistic Practice.

1. Introdução

O objetivo desta investigação é compreender como a prática jornalística realizada na construção do *Jornal do Dária* contribui para a formação dos alunos do segundo e terceiro ano do Ensino Médio, noturno, do Colégio Estadual Dária Viana de Queiroz, Barra do Choça-BA. Cabe destacar que o objeto de estudo desta pesquisa sobre prática jornalística e formação não é o *Jornal do Dária*, esse é apenas um meio que possibilitou esta investigação acontecer, no ano de 2017, quando acompanhamos a elaboração desse jornal escolar que é no formato impresso. Consideramos que não houve pretensão de analisar o conteúdo jornalístico que os estudantes produziram, mas compreender como a formação dos estudantes acontece com e a partir da construção do jornal. Sendo assim, o objeto desta pesquisa é o processo formativo que emerge da produção do *Jornal do Dária*. O método do estudo de caso na perspectiva de Yin (2005) foi utilizado por possibilitar que várias técnicas metodológicas pudessem ser trabalhadas no decorrer da investigação. Dessa forma, utilizamos as técnicas de observação, das salas de aula e dos corredores do colégio; aplicamos questionários; fizemos entrevistas e grupo focal.

Nesta pesquisa, tratamos formação como uma prática presente em todo o curso de vida, ainda que algumas vezes o sujeito não perceber que experienciou um processo que tenha sido formativo. Para pensarmos sobre a formação que acontece no contexto escolar trabalhamos com uma discussão teórica que tem a premissa de que cada pessoa pode ser partícipe na construção do seu processo educativo. Todas as técnicas metodológicas utilizadas nesta pesquisa dialogam quando são analisadas as experiências formativas que os estudantes narraram nas entrevistas e grupo focal, nas que identificamos na observação das salas de aula, além das informações presentes nos questionários.

2. O percurso metodológico

No decorrer da busca em compreender como a prática jornalística utilizada como metodologia em sala de aula, no Ensino Médio, noturno, para se trabalhar conteúdos

curriculares da disciplina Geografia, entre outras, as lembranças do nosso percurso como estudantes vieram à tona. Filho (2007, p. 101), ao tratar sobre tempo e espaço na pesquisa cotidiana destaca que “o pesquisador é inexoravelmente inseparável daquilo que investiga”.

Recordar as nossas vivências na escola e escutar os relatos dos participantes desta pesquisa nos fizeram pensar na fusão de horizontes presente nas discussões de Gadamer, filósofo alemão. Conforme esse autor, “O conceito de ‘horizonte’ é, por si só, sugestivo, pois expressa a amplitude superior da visão que uma pessoa que está tentando entender algo precisa ter” (GADAMER, 1999, p. 305 apud LAWN, 2007, p. 92). O pensamento gadameriano sugere que “ter um horizonte é possuir uma perspectiva sobre o mundo”. (LAWN, 2007, p. 92). Sendo assim, compreensões que podem emergir da fusão de horizontes são interpretações que mudam constantemente, nunca finitas ou obtidas completamente. Para Larrosa (2002, p. 21) “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, o que referenda nosso entendimento de que as lembranças e os conhecimentos que adquirimos na escola fazem parte de nossas experiências formativas.

Encontramos também no livro *Biografia e educação*: figuras do indivíduo-projeto de Delory-Momberger semelhanças com esta nossa perspectiva sobre escola quando a autora aponta que “[...] enquanto primeiro espaço de socialização secundária, a escola representa um dos principais testes do mundo social e cultural de origem e do sistema de representações da qual esse indivíduo é portador” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 113). A discussão que a autora provoca acerca da escola é baseada no modelo de educação francês, mas não diferencia do nosso entendimento que no Brasil a escola é, na maioria das vezes, o primeiro espaço de socialização para experiências externas à família.

As interações na escola ao multiplicar nossos vínculos sociais, ainda na infância, acontecem porque estamos imersos em linguagem. E assim, compartilhamos do mundo ao interpretar e atribuir sentidos às nossas ações com nossa capacidade de apreensão que vai além de uma necessidade instintiva de comunicar. Conforme Lawn (2007, p. 107) ao discutir sobre linguagem na perspectiva gadameriana destaca que as palavras podem ser comparadas como ferramentas da linguagem, pois possibilitam ao homem ser e estar no mundo.

E o que vem a ser linguagem? De acordo com Lawn (2007), Gadamer considera que tudo que pode ser compreendido no mundo é linguagem, sendo comunicável não apenas no sentido de transmissão e recepção de informações como também sugere compartilhamento, aquilo que é mantido em comum. Atrelada a essa compreensão entende-se que o ambiente é o espaço de todos os seres vivos, mas o mundo é inerente apenas ao homem porque dispõe de

linguagem. Lawn (2007, p. 108) destaca que “não queremos dizer que o mundo é feito de palavras, mas que nosso mundo é possível através da linguagem”.

Considerando que o objeto deste estudo é o processo formativo que emerge da produção do *Jornal Dária* entendemos que seriam necessárias diferentes técnicas metodológicas para obter dados para análise. Por isso, nesta investigação utilizamos o método do estudo de caso por possibilitar a realização de alguns procedimentos como a observação, aplicação de questionários, entrevistas e grupo focal, como já afirmamos anteriormente. De acordo com Yin (2005) o estudo de caso consiste em uma abordagem metodológica que busca explorar, compreender ou descrever acontecimentos de um contexto complexo, ou seja, é indicado para trabalhar com eventos que estão fora dos limites de laboratórios e que estão sujeitos a ocorrência de alterações.

A pesquisa teve início no dia 19 de outubro, uma quinta-feira. As aulas de Geografia, no Colégio Estadual Dária Viana de Queiroz, no ano letivo de 2017, aconteceram nas quartas, quintas e sextas-feiras. O professor leciona em média 40 minutos em cada sala de aula, dividindo-se entre três turmas de segundo e terceiro ano. Fomos apresentadas primeiramente à turma do segundo ano A, a qual nos recebeu com cordialidade. A identificação do pesquisador faz parte de um preceito ético da pesquisa, por isso “é importante, desse modo, que o observador se apresente aos elementos do grupo e declare os objetivos de seu trabalho sem maiores disfarces...”. (VIANNA, 2003, p. 41).

Não demorou muitas visitas para percebermos que a sala de aula como toda a escola trata-se de um campo passível de contingências e carregado de complexidades. De acordo com Ardoino (1992 apud BURNHAM, 1993, p. 4) complexidade é aquilo que reúne diversos elementos distintos, heterogêneos. No processo de observação decidimos não gravar imagens para não causar muitas interferências no espaço e no comportamento dos pesquisados, mesmo que o fato de estarmos presente naquele ambiente já alterava o cenário. Segundo Vianna (2003, p. 61) o uso de câmeras em escolas, ou mesmo em público, pode causar inquietações que interferem no comportamento dos sujeitos e, conseqüentemente, altera a coleta de dados.

Com o objetivo de conhecer mais sobre a realidade dos estudantes do Colégio Dária Viana aplicamos um questionário para as seis turmas participantes desta pesquisa, antes que a produção do *Jornal do Dária* iniciasse. De acordo com Gil (2008, p. 121) é possível “definir questionário como uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas” para obter informações.

Ao observar as salas de aula e após receber os questionários chegamos a um entendimento de que seria necessário entrevistar os alunos quando eles concluíssem o jornal.

As entrevistas nos levariam a reflexões sobre o percurso formativo deles ao leva-los a pensar e narrar sobre o que fizeram no processo de elaboração do jornal. As entrevistas foram espontâneas e focalizadas porque permitem que perguntas pré-elaboradas sejam feitas como também possibilitam ao entrevistado apresentar as próprias interpretações sobre um acontecimento. Conforme Yin (2005) o tipo de entrevista focal permite que a conversa também seja espontânea e siga com o caráter informal, mas as perguntas não devem fugir para outros temas que não sejam aquele que trata o estudo de caso. Foram entrevistados 16 estudantes. Além desses estudantes, no dia do lançamento do *Jornal do Dária*, ouvimos três professores da área das ciências humanas do Colégio Dária Viana e ainda, o professor responsável pela produção do Jornal.

Antes das últimas entrevistas com os professores percebemos que realizar um grupo focal com os estudantes nos ajudaria a compreender sobre a construção do currículo. Após pensar no contexto dos estudantes do noturno que na maioria dos casos dividem a rotina entre trabalho e escola buscamos um material de estímulo para o grupo focal que pudesse dialogar com a realidade dos pesquisados: o curta-metragem *Vida Maria*, produzido em 2006 pelo animador Márcio Ramos. Os grupos focais envolvem muitas vezes “considerações longas e aprofundadas de questões abertas e materiais de estímulo, grupos focais têm a capacidade de refletir questões e preocupações que são importantes para os participantes...” (BARBOUR, 2009, p. 21).

3. Formação

Como o objeto deste estudo é o que emerge do processo formativo da produção do *Jornal do Dária*, aqui busco trazer contribuições de autores que discutem sobre Jornalismo, formação e currículo, numa perspectiva que ultrapassa a escola, ou seja, a ideia de uma formação humana, mais ampla que a proposta no currículo escolar. Para Marie-Christine Josso (2010) a própria palavra formação pode apresentar dificuldade semântica e designar tanto uma atividade em desenvolvimento em determinado tempo como um respectivo resultado. Diante dessa dualidade Josso (2007) sugere pensar em processo de formação ao vê-lo como uma caracterização do percurso de vida que permite trazer à luz o ser-sujeito da formação. E, isso diz respeito a pessoa descobrir-se autônoma no processo de aprendizagem, quando o sujeito se situa no próprio trajeto formativo e atualiza-se num querer e num poder vir-a-ser constantes.

Questionamos os alunos entrevistados sobre o que poderiam nos dizer sobre o que haviam aprendido no decorrer do processo de construção do jornal (sobre os conteúdos

curriculares, nas relações interpessoais, nas entrevistas para escreverem as matérias...). Alguns de imediato disseram não saber, mas após pensar um pouco começavam a narrar sobre o que foi significativo para eles. A perspectiva de formação em Josso (2010) nos levou à reflexão: quando o sujeito em formação compreende que ele participa do seu próprio percurso formativo há a possibilidade de esse favorecer a sua aprendizagem ou reorientá-la, e assim, tornar-se autônomo e sujeito da sua própria história.

Segundo o dicionário de Filosofia (2007) a palavra formação assume em Filosofia e Pedagogia um sentido próprio relacionado ao termo alemão *Bildung*. Nessa especificidade formação “indica o processo de educação ou de civilização, que se expressa nas duas significações de cultura, entendida como educação e como sistema de valores simbólicos” (ABBAGNANO, 2007, p. 470). Ao retomar ao texto de Delory-Momberger (2008) que discute sobre narrativas de formação compreendemos que a autora sugere pensar em *Bildung* como “movimento de formação de si pelo qual o ser, próprio e único, que constitui qualquer homem, manifesta suas disposições e participa da realidade do humano como valor universal” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 44).

Essa perspectiva nos levou a compreender que ninguém se forma igual em um processo, ainda que o contexto de aprendizagem onde o indivíduo esteja situado seja o mesmo ninguém aprende os mesmos ensinamentos ou apreende as mesmas influências do espaço. Ao refletir sobre o texto *Nietzsche e a Educação* de Larrosa (2009) percebemos que *Bildung* tem ligação com *Paideia* que diz respeito ao sistema de educação e ética dos gregos. É nesse texto também que encontramos três ideias diferentes de *Bildung*, a primeira se refere à Filosofia, a segunda à Pedagogia, e a terceira ao romance de formação (*bildungsroman*). Conforme Larrosa (2009) *Bildung* no que diz respeito a filosofia da história, filosofia da cultura ou do espírito, que nas ciências humanas se configura em disciplinas em que o objeto é o texto que só pode ser lido quando se tem acesso ao seu desdobramento temporal. Na Pedagogia se aproxima do papel formativo das humanidades, mas também há uma perspectiva mais pragmática e técnico-científica na Europa. Por último, há também o subgênero de novela, o *bildungsroman*, o qual se tem como principal modelo a narrativa intitulada *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, de Goethe.

Quando Larrosa (2009) discorre sobre os pensamentos de Nietzsche percebemos a ênfase no movimento, em uma formação que não pode realizar-se no presente, pois para “chegar a ser o que se é” é necessário combater o que já é. Para isso, segundo o autor, são designados três atributos ao sujeito que sabe o que quer - saber, poder e vontade. Dessa

maneira, Larrosa (2009) traz a ideia nietzschiana de um viajante que se coloca em jogo ao se permitir novas experiências, em que há sempre de “vir a ser”.

Ao entrevistar os alunos e interroga-los sobre a elaboração do *Jornal do Dária* e ao realizar o grupo focal percebemos que eles imergiram em uma nova experiência formadora ao narrarem como realizaram as entrevistas para o jornal da escola. Para Josso (2004, p. 39) “Aprender designa, então, mais especificamente o próprio processo de integração”. Em outras palavras também poderíamos dizer que a aprendizagem passa pela experiência.

Novamente os estudantes se colocaram como sujeitos em uma aprendizagem em curso ao aceitar colaborar com esta pesquisa ao rememorar como fizeram a primeira entrevista da vida deles. Narraram sobre as inseguranças que tiveram e também o contentamento com o resultado do trabalho. Josso (2010) destaca que participantes de uma pesquisa ao rememorem suas experiências preocupam-se com a objetividade ou a exaustividade da narrativa até perceberem que rememorar é “[...] um processo associativo que se refina e se enriquece com outras narrativas...” (JOSSO, 2010, p. 68). Esse enriquecimento de narrativas também se fez presente nesta pesquisa no grupo focal quando os estudantes contaram sobre o cotidiano deles na escola.

Cada uma das entrevistas sobre o *Jornal do Dária* correspondeu a um horizonte que, como pesquisadoras, buscamos compreender dentro de um contexto mais amplo. É uma reflexão que parte do particular para um campo mais aberto, pois ao investigar como a prática jornalística contribui para a formação dos alunos do segundo e terceiro ano, noturno, do Colégio Estadual Dária Viana de Queiroz estamos indiretamente a querer refletir também se a mesma estratégia pode vir a ser formativa em outras escolas. Conforme Lawn (2007), Gadamer afirma que, o entendimento é sempre parte de um diálogo no qual o presente é somente o passado em um novo formato.

Associamos nossa experiência adquirida nas entrevistas com os alunos ao que Lawn (2007) trata na perspectiva gadameriana de que o diálogo só é genuíno pela inteireza dos participantes na conversação. Gadamer (1999) em *Verdade e Método* afirma que “o que emerge [em um diálogo] não é meu e nem é seu, conseqüentemente, transcendendo as opiniões subjetivas dos interlocutores de que, até mesmo a pessoa liderando a conversação sabe que ela não sabe” (GADAMER, p. 368 apud LAWN, 2007, p. 98).

4. Currículo para além do formal

Diante da questão norteadora desta pesquisa: como a prática jornalística contribui para a formação dos estudantes do segundo e terceiro ano, noturno, do Colégio Estadual Dária

Viana de Queiroz? Faz-se necessário discutir sobre currículo, uma vez que as narrativas dos alunos sobre seus saberes e a própria atividade de construção do jornal escolar participam da construção do currículo do Ensino Médio, no Dária Viana. Conforme Silva (2009) o currículo aparece pela primeira vez como objeto de estudo e pesquisa em 1920 nos Estados Unidos quando a industrialização e os movimentos imigratórios intensificaram uma massificação escolar. De acordo com Silva (2009) as propostas de currículo apresentadas na primeira metade do século XX exigia da escola métodos de avaliação rigorosos na mensuração de resultados.

A perspectiva que Silva (2009) adotou sobre as teorias do currículo parte de uma noção de discurso, nisso o autor não pretende chegar a um verdadeiro significado de currículo, mas apresentar teorias que se aproximem daquilo que é o currículo. Sendo assim, a questão central do currículo está sob qual conhecimento deve ser ensinado. Para Silva (2009) as teorias sobre o currículo podem ser resumidas em três grandes categorias: teorias tradicionais, críticas e pós-críticas. Enquanto as teorias tradicionais do currículo enfatizam mais a técnica e a organização do ensino, as teorias críticas voltam-se para questões sobre ideologia e poder. Já às teorias pós-críticas prioriza o saber, a identidade e a subjetividade.

Se o curso da nossa “corrida” é o currículo e ele é uma das possibilidades que pode nos levar a nos tornar o que somos, significa que a formação é uma atualização constante em nossa vida. O sujeito se projeta não só a partir do currículo que lhe é apresentado na escola, como também através de currículos não-formais. O que Silva (2009) parece destacar é que o currículo é carregado de um conhecimento constituído a partir do que somos e de tudo aquilo que constrói a nossa identidade singular, levando em consideração o subjetivo, ou seja, o que forma e nos dá forma.

Segundo Maria Inez Carvalho (1996) os sujeitos são, com maior ou menor nível de consciência, construtores do currículo. Carvalho (1996) concorda com Teresinha Fróes Burnham (1993, p. 4) que currículo é “processo social, que se realiza no espaço concreto da escola”. De acordo com Carvalho (1996) o currículo formal nunca coincide plenamente com o que é ensinado, por isso a autora sugere pensar currículo de três maneiras, além do formal: manifesto, oculto e nulo. O currículo manifesto diz respeito ao que a escola e os professores pretendem ensinar, mas junto ao espaço complexo da escola há também aprendizados que os alunos adquirem que não são planejados, esses conhecimentos que vão além das pretensões da escola são compreendidos como parte do currículo oculto. Já o currículo nulo é aquele que não acontece, seja por uma decisão consciente, como a retirada de uma disciplina da matriz curricular, ou por interferências externas como a falta de material, por exemplo.

De acordo com Carvalho (1996) o professor não é apenas um transmissor de conhecimentos, o professor delibera, toma decisões, é também construtor do currículo. Esse é apenas um dos fatores que leva a autora a acreditar que o currículo formal determinado pela escola ou por especialistas nunca coincide com o realizado. Também pode ocorrer falta de adaptação ao local ou contexto dos estudantes, falta de recursos, entre outras circunstâncias. A autora também chama atenção que o professor sozinho não é capaz de mudar o sistema escolar, mas querendo ou não devido a diferentes motivos participa da construção do currículo, é um bom construtor aquele que tem consciência da própria ação. Parece sempre existir uma distância entre os saberes do currículo manifesto e o que é ensinado “o fazer de cada professor está alicerçado por um saber, que por sua vez é modificado por esse fazer, em um ciclo sem fim” (CARVALHO, 1996, p. 146).

Discutir sobre participação na construção do currículo nos remete ao professor idealizador do *Jornal do Dária* que o insere no seu plano de aula e busca apoio da direção da escola e de colegas para que seu projeto possa ser colocado em prática. Também nos remete à lembrança de uma aula sobre as escolhas dos assuntos que seriam trabalhados no jornal em que o **Estudante F** sugeriu pautar sobre o Movimento LGBT³. Posteriormente em uma conversa com o **Estudante F** ele nos contou o porquê da sugestão “[...] eu sugeri esse tema porque ele não é falado e também acredito que vai ser a primeira vez que vai ser tratado este tema no Jornal do Dária”. Quando Carvalho (1996) aponta para uma educação construída pelos sujeitos que a praticam, pensamos que o **Estudante F** deliberou sobre o currículo ao mostrar a necessidade de evidenciar um tema pouco discutido no cotidiano da escola e que não estava inserido nos currículos formal e manifesto. Esse estudante ajudou a construir uma discussão sobre um assunto que estava presente no currículo oculto da escola como pôde se observar por meio de outro aluno, que foi entrevistado pela equipe que fez a matéria, que vivencia a homofobia presente na escola.

Conforme Burnham (1993) a escola é uma instituição social criada na modernidade para a formação de cidadãos, fundamentada na construção de sujeitos coletivos, indivíduos sociais, sendo importante entender o papel do currículo para essa construção. A autora defende que é preciso pensar em um currículo que contemple uma sociedade plural e que não preocupe apenas com uma educação voltada para o profissional ou como uma condição para

³ Movimento LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais; essa é a sigla adotada pela Anistia Internacional das Organizações Unidas (ONU), mas dentro do movimento a sigla pode variar e incluir mais letras representativas, a sigla mais atual é a LGBTPQIA+ com a inclusão de Travestis, Transgêneros, Pansexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e o sinal + direcionadas a pessoas que não sentem representadas por nenhuma das sete letras. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento>. > Acesso em: 10 abr. 2018.

se chegar ao mercado de trabalho. Durante as conversas que tivemos com os estudantes sobre o *Jornal do Dária* a maioria demonstrou ter uma perspectiva do ensino como uma etapa que permitirá alcançar objetivos profissionais. Muito atrelado a isso está a maneira como os estudantes são avaliados: a necessidade de ter que avançar um ano e a nota como critério para que isso aconteça faz com que esses estudantes pouco reflitam sobre os saberes que constroem.

5. A prática jornalística como proposta na construção do currículo escolar

Segundo Genro Filho (2012, p. 216) o jornalismo é “a cristalização de uma nova modalidade de percepção e conhecimento social da realidade através da sua reprodução pelo ângulo da singularidade”. Esse autor apoia-se na filosofia clássica alemã, especificadamente em Hegel no que corresponde as categorias do singular, do particular e do universal. Para Genro Filho (1996) todas as coisas no mundo existem nessas três dimensões e em cada uma delas estão contidas as demais. Genro Filho (2012) traz essa compreensão para o Jornalismo ao defendê-lo como uma forma social de conhecimento. Como exemplo utilizamos o tema da entrevista que foi a matéria principal do *Jornal do Dária* sobre a visita do governador do estado da Bahia a cidade de Barra do Choça. Esse é um acontecimento singular porque não é comum a presença do representante político estadual nessa cidade. Também é um fato particular porque Barra do Choça possui especificidades próprias que a diferencia de outras cidades. Ainda é possível apontar que essa visita é universal porque qualquer outra cidade pode receber um representante político do Estado.

Por outro lado, Nelson Traquina (2012) inicia o primeiro capítulo do livro *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são* questionando que “é absurdo pensar que possamos responder à pergunta ‘o que é jornalismo?’ numa frase, ou até mesmo num livro”, mesmo assim autor sugere que o jornalismo corresponde “a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia” (TRAQUINA, 2012, p. 19). Conforme Lage (2004) a essência do jornalismo está na observação da realidade e no que ela tem de singular. Aqui, essa discussão não pretende se estender acerca de uma teoria que venha ser mais contemplativa para o jornalismo.

Conforme Assis e Marques de Melo (2016) o jornalismo pertence a uma modalidade de Comunicação periódica que está inserida em um campo maior que é o da Comunicação. Para esses autores a prática jornalística é uma categoria comunicacional configurada em gêneros que se entende como uma classe que agrega formatos distintos. O formato jornalístico

é o “feito de construção da informação transmitida pela Mídia, por meio do qual a mensagem da atualidade preenche funções sociais legitimadas pela conjuntura histórica em cada sociedade nacional”, (ASSIS; MARQUES DE MELO, 2016, p. 50). O formato jornalístico diz respeito à estrutura de cada forma atrelada a características textuais e particularidades presentes na mediação da informação.

Na classificação de Marques de Melo (2010) existem cinco tipos de gêneros jornalísticos; o gênero informativo que corresponde aos relatos de acontecimentos e agrega os formatos: entrevista, nota, notícia e reportagem. O gênero opinativo que envolve mais críticas e denúncias, geralmente as matérias são assinadas e trazem opiniões de autores do texto, os formatos desse gênero são: artigo, carta, caricatura, coluna, crônica, comentários, editorial; conforme Assis; Marques de Melo (2016). Já o gênero utilitário contém quatro formatos: cotação, indicação, roteiro e serviço; compreende informações que podem influenciar diretamente na vida do leitor, por exemplo, a previsão do tempo pode fazer uma pessoa mudar seu trajeto. Diferente dos gêneros citados anteriormente, o interpretativo não depende tanto do factual para a construção textual, fazem parte: análise, cronologia, dossiê, enquete e perfil. Por último o gênero diversional que Marques de Melo (2010) atribuiu como “informações literárias”, em trabalhos mais recentes Assis; Marques de Melo (2016) sugerem como parte desse gênero: histórias de interesse humano e história colorida; geralmente são textos com maior profundidade e dependem de mais tempo para serem estruturados.

Além da singularidade que os autores mencionados anteriormente sugerem, há mais peculiaridades que norteiam o fazer jornalístico ao tratar de eventos que se tornam notícias. Para entender o que faz um fato ser noticiável em meio a milhares de acontecimentos diários se faz necessário discutir critérios de noticiabilidade “como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia”, (SILVA, 2004, p. 2). Alguns dos fatores presentes na construção da notícia são: a dinâmica da empresa, linha editorial, condições do material com que se trabalha, custos, a cultura do profissional e diversas circunstâncias sociais. Silva (2004) discute que há conjuntos diferentes de critérios de noticiabilidade que correspondem a origem, ao tratamento e a visão dos fatos.

Não temos pretensão em aprofundar sobre critérios de noticiabilidade e valores-notícia, apresentaremos apenas a perspectiva de Silva (2004) a partir do apanhando feito de autores que são referências nesse assunto. É importante destacar que critérios de noticiabilidade se diferenciam de valores-notícia que “são as características do fato em si” (SILVA, 2004, p. 5). É como se houvesse um subgrupo de valores-notícia dentro da noticiabilidade, evidenciaremos aqui alguns valores-notícia que são comuns para vários

autores: atualidade, novidade, proximidade, qualidade, raridade, surpresa, impacto, utilidade, notoriedade, dramaticidade, entre outros.

Quando o *Jornal do Dária* foi criado levou-se em consideração que se trataria de um jornal escolar com abordagens sobre a escola e a cidade de Barra de Choça. Logo, estabeleceu-se uma linha editorial, as condições em que seria feito, os custos, o gênero informativo predominante na edição. Esses e outros fatores correspondem aos critérios de noticiabilidade. Silva (2004) destaca que na produção de notícias vários critérios atuam conjuntamente. O professor José Amorim ao estabelecer que todas as matérias do jornal seriam sobre assuntos locais, percebe-se que a *proximidade* é o principal valor-notícia no *Jornal do Dária*, uma vez que os valores-notícia são mais suscetíveis aos fatos. No questionário aplicado aos estudantes pesquisados havia duas perguntas abertas: a primeira interrogava sobre o que alunos pretendiam aprender com a produção do jornal; a segunda questionava como eles dedicaria a essa atividade. Na resposta de um estudante do terceiro ano do Ensino Médio é possível perceber que ele compreende que nem todo fato pode vir a se tornar um fato jornalístico e que há regras para a construção da linguagem jornalística: "Pretendo aprender o máximo possível, e como planejar uma notícia, pois tem regras a se cumprir, e a ter uma visão diferente, pois nem toda notícia deve ser colocada".

Observamos as discussões em que o professor José Amorim trabalhou os assuntos que seriam pautados, após ter definido que cada uma das sete turmas participantes do projeto de criação do jornal seria responsável por uma editoria. Essa separação foi feita pelo professor para que as turmas pudessem discutir assuntos que fossem mais próximos aos conteúdos estudados em sala de aula. A estrutura do *Jornal do Dária* é semelhante ao modelo de um jornal impresso comercial: 12 páginas, colorido, com o assunto principal compondo a terceira página. Na terceira edição o jornal foi composto pelas seguintes editorias: opinião, movimentos sociais, cidade, ações e projetos, meio ambiente, tecnologia e variedades. O professor orientou que os assuntos pautados deveriam ser relacionados com as editorias que cada turma ficou responsável. Segundo José Amorim a principal pretensão com a elaboração do jornal impresso é estimular a escrita e a leitura utilizando como base os assuntos trabalhados em sala de aula, sobretudo os da disciplina de Geografia.

Nesse mesmo dia de observação enquanto o professor explicava sobre a produção do jornal uma aluna expressou: "o jornalismo só quer ferrar com a vida da gente", imediatamente o professor respondeu: "o mau jornalismo" e explicou para turma que era preciso conhecer mais do que um lado da informação. A mesma aluna prestou atenção na explicação e ainda insatisfeita pediu a opinião do professor sobre uma emissora de televisão, o professor

apresentou a perspectiva dele e perguntou à turma: “como é morar em Barra do Choça?”, retomando a escolha das pautas. Durante as sugestões de pauta, a aluna realizou mais perguntas e apontou que o *Jornal do Dária* devia falar de pontos positivos e negativos dos assuntos que escolhessem. Quando foi citado um bairro pautado na segunda edição do jornal por causa da falta de pavimentação, a estudante sugeriu retornar ao local para mostrar que não aconteceram mudanças. O professor concordou em revisitar o bairro e argumentou que nem sempre os jornais ajudarão a solucionar problemas.

As discussões sobre as pautas em sala de aula foram importantes para os estudantes decidirem sobre quais assuntos gostariam que estivessem presentes na terceira edição do periódico. Além da escolha da pauta, como elemento norteador de toda a atividade, essa foi uma oportunidade que os alunos tiveram para pensar o lugar onde vivem e em temas que achavam relevantes abordar. Durante as aulas de orientação para elaboração do jornal não foram trabalhados todos os gêneros jornalísticos com os alunos, o professor explicou apenas sobre a entrevista, que é um dos formatos do gênero informativo e uma técnica utilizada na construção de quase todos os demais formatos, segundo Lage (2004). De acordo com Medina (2000, p. 8) a entrevista nas suas diferentes formas “é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação”. Essa autora pensa a entrevista como um diálogo, no qual os partícipes interagem, se revelam e ampliam conhecimentos de mundo.

Os alunos foram orientados a procurar pelos entrevistados indicados na pauta, mas que também poderiam buscar outras fontes. Foi solicitado ainda que gravassem as entrevistas em áudio, que transcrevessem e enviassem junto ao texto. O **Estudante M** perguntou: “E se o entrevistado só falar mal da saúde na entrevista” o professor argumentou: “Nosso jornal não é de oposição política [...] Temos que ouvir os dois lados”. A principal instrução em relação aos entrevistados foi a mesma: de não apresentarem a informação apenas por uma perspectiva. O que é uma premissa da ética na prática jornalística: apurar os fatos em perspectiva de ponto de vista variada. Para a produção do texto a orientação foi que os estudantes escrevessem o nome completo dos entrevistados e a profissão, além de outras questões que fazem parte do *lead*, geralmente parágrafo de abertura de um texto jornalístico que responde às questões básicas: o quê? Quem? Quando? Como? Onde? Por quê?. Orientação que diz respeito a linguagem jornalística e sua construção.

Como já dito, não é objetivo desta pesquisa analisar a produção dos alunos, busca-se compreensões sobre a formação que aconteceu com e a partir do processo de criação do jornal

que vai desde as discussões sobre as pautas, passando pelas entrevistas até a escrita dos textos pelos alunos. Aqui o jornal escolar é pensado como um elemento que participa da construção de novos saberes, enquanto uma experiência formativa no ambiente da escola. Ijuim (2013) discute sobre jornal escolar como um contribuinte para o que ele entende por educação humanizada. A proposta metodológica desta pesquisa dialoga com a perspectiva desse autor:

As técnicas e a linguagem jornalísticas lhes são importantes para o aperfeiçoamento dos relatos, mas não podemos ter como expectativa que estes professores e seus alunos as incorporem rápida ou imediatamente – o próprio tempo e a prática lhes permitem tal aperfeiçoamento. Assim, se um jornal escolar apresenta matérias sem um lide claro ou uma diagramação pouco atraente, considero um fato normal e compreensível. Procuro visualizar muito mais o processo que se desenrolou durante a sua produção, o desenvolvimento do educando e do educador para se chegar a esta matéria (IJUIM, 2013, p. 41).

Após todas as orientações os alunos tiveram uma semana para realizar as entrevistas e produzir os textos, apenas uma turma teve dificuldade para cumprir com a data prevista. O professor José Amorim contou que diagramou o jornal e realizou ajustes em todos os textos, nuns mais, noutros menos. Tiveram também equipes que não escreveram o texto, mandaram o áudio ou transcrição da entrevista e ele teve de ajustar para o assunto fazer parte do jornal. As correções e a diagramação foram feitas fora do espaço da escola. Os alunos não tiveram retorno sobre o que produziram, pois o professor precisou seguir trabalhando com o conteúdo da unidade para realização das provas finais da disciplina de Geografia. Após o envio dos textos os estudantes só tiveram acesso ao material produzido no evento de lançamento do *Jornal do Dária*, que foi um dia de celebração para os alunos e toda a equipe da escola.

6. Compreensões que emergiram da pesquisa

O aprendizado em que o sujeito não se dá conta, não percebe que aprendeu também faz parte do processo formativo. O professor quando propõe uma atividade como a construção de um jornal impresso, por exemplo, não tem como saber se esse projeto dará certo; se os alunos vão se mobilizar para fazê-lo; se aprenderão mais sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula através da escrita jornalística ou se, a partir desse trabalho vão se tornar leitores mais interessados e críticos. Segundo Larrosa (2002) a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza. Nas entrevistas que realizamos com os estudantes quando perguntávamos sobre o que aprenderam, alguns demoravam para responder e pareciam ainda não ter pensado sobre quais saberes foram importantes para eles ou se aprenderam com/no processo de elaboração

do jornal. De acordo com Paiva (2018, p. 81-82) “As pessoas podem se formar sem ter consciência da sua formação e, ainda assim, ressignificar o seu fazer e o seu ser cotidiano, sem parar para pensar sobre essas mudanças”.

Durante as observações nas salas de aula e nos corredores pressupomos que a maioria dos estudantes do noturno trabalhavam durante o dia, pois alguns rostos demonstravam expressões de cansaço, algumas pessoas chegavam atrasadas nas primeiras aulas, tiveram alunos que dividiam a atenção entre a explicação do professor José Amorim e a copiar a atividade do caderno do colega. As respostas dos questionários aplicados no início da investigação confirmaram essa hipótese: quase todos os alunos afirmaram ter um emprego durante o dia. Essa realidade dialoga com a compreensão de Vianna (2003) de que na sala de aula ocorrem múltiplos eventos, o que possibilita muitas informações em meio a complexidade no espaço da escola. Foi nesse contexto do pouco tempo disponível para se dedicar a produção do *Jornal do Dária* que o fazer jornalístico aconteceu.

O fato de ganhar dois pontos pela participação na produção do jornal pareceu atrair a atenção dos alunos, a partir dessa observação foi elaborada duas questões abertas no questionário para os alunos contarem o que esperavam aprender e como se dedicariam a essa atividade. As respostas foram diversas, tiveram alunos que escreveram sobre a curiosidade de saber como um jornal é feito, outros desejavam aprender mais sobre a cidade de Barra Choça. Houve uma resposta nestas palavras: “não sei exatamente ainda”. Outro questionário foi devolvido com os dados da pessoa, mas sem responder as questões abertas. Pelas respostas ou pela falta delas percebe-se que alguns alunos estavam dispostos e conscientes da possibilidade de adquirir novos conhecimentos na construção do jornal escolar e que outros não sabiam para que essa atividade serviria. Segue uma resposta de um pesquisado de uma turma do terceiro ano:

Pretendo aprender mais sobre nosso lugar, o espaço que vivo, relembrar acontecimentos que se passaram pelo município em geral. Pretendo mim dedicar procurando fontes de conhecimento para um bom desenvolvimento para o trabalho, pois minha disponibilidade é pouca, mais faço o máximo para mim sair bem com meus estudos (ESTUDANTE).

Por meio das questões abertas do questionário observa-se que os estudantes que participaram da produção da terceira edição do *Jornal do Dária* apresentam dificuldades com o texto escrito. Portanto, escrever para o jornal da escola pressupõe que os alunos busquem desenvolver melhor a escrita e tenham a oportunidade de fazer uma leitura mais crítica das informações que recebem diariamente. Quando Larrosa Bondía (2009) inspirado em

Nietzsche sugere que todo texto assim como mundo e homem são fluidos entende-se que os saberes podem ser atualizados constantemente. Pensando dessa maneira, a prática jornalística na escola pode colaborar para os alunos praticarem e melhorarem a escrita e o modo de receber as informações veiculadas pelas mídias.

Como foi exposto os estudantes do noturno têm pouca disponibilidade de tempo para realizar atividades da escola fora desse ambiente. Durante a observação e entrevista houveram evidências da presença do currículo nulo. Os primeiros entrevistados, **Estudante I** e **Estudante J**, jovens de 18 e 20 anos, no período em que a pesquisa foi realizada, são de uma turma participante do *Jornal do Dária*. Os dois disseram que não tiveram tempo para colaborar com os colegas de equipe. Por meio das narrativas sobre a desistência da atividade é notável a presença do currículo nulo que diz respeito ao ensino/aprendizagem que não acontece devido fatores internos ou externos à escola. Três pessoas alegaram que não tiveram tempo suficiente para se dedicar a atividade que o professor José Amorim propôs. A **Estudante N**, moradora da zona rural, também contou que teve dificuldades para colaborar com a construção do jornal. Como trabalha durante o dia como doméstica e depende do transporte público escolar não conseguiu reunir com os colegas de equipe em outros horários. Esse contexto a impossibilitou de participar da atividade.

Estudante N: [...] Por conta de sair tarde do trabalho e como eu dependo do transporte público para tá vindo para a escola, mais cedo eu não posso vim. Em relação ao trabalho com a escola não interfere muito, só mais em questão de fazer trabalhos fora da escola.

Como já havíamos mencionado, conforme Vianna (2003), o ambiente da sala de aula é o espaço em que os alunos desempenham múltiplos papéis. Nas entrevistas que fizemos alguns alunos falavam pouco, davam respostas curtas e pareciam distantes e o diálogo demorava para fluir. Então buscamos dialogar de maneira informal, na tentativa que se sentissem confiantes para nos contar sobre o processo formativo deles, nesse trabalho em conjunto. Até então eles pareciam não ter parado para pensar o porquê de construírem um jornal e a importância disso para a vida deles. Conforme Paiva (2018, p. 166)

Compreender que o não acontecimento do que se planeja é um dado tão importante quanto o acontecimento é um movimento próprio do tornar-se pesquisador. Mesmo quando o jogo não acontece como antes planejado, ainda assim há a troca de saberes e de não saberes sobre o Outro, a pessoa pesquisada, ou sobre o Outro, o pesquisador.

A ideia que Paiva (2018) discute sobre jogo planejado e jogo jogado pode ser trazida para este texto comparando a proposta de currículo de Carvalho (1996) que se encontra em um contexto diferente do pesquisado por Paiva que é o da educação não-formal. O que o professor planejou ensinar com a construção do jornal faz parte do currículo manifesto, mas neste cenário de aprendizagem podem surgir aprendizados que não estavam programados que correspondem ao currículo oculto. Quando o **Estudante A** foi com os colegas de equipe realizar as entrevistas disse que as pessoas não queriam fornecer informações porque diziam não conhecer o *Jornal do Dária*. Ele contou que foi preciso repensar algumas perguntas e explicar sobre o jornal, para que então, conseguisse as informações junto aos seus entrevistados. Essa situação, que poderia acontecer com qualquer repórter, não havia sido discutida nessa turma. Esses elementos que surgem no caminho, o acontecer do jogo com uma infinidade de saberes que podem ser adquiridos sem estarem programados fazem parte do currículo oculto. Já para os alunos que por causas externas à escola deixaram o jogo, não realizaram a atividade, então, passaram a ser parte do currículo nulo, pois para eles o processo de construção do jornal não aconteceu.

A maioria dos entrevistados trabalhavam durante o dia e para dar conta do jornal dividiram as tarefas entre os colegas de equipe: entrevistar, transcrever e escrever o texto. O trabalho jornalístico já tem essa característica de ser em equipe, apesar que essas atividades descritas o repórter realizaria todas. Tiveram “alunos repórteres”, alguns que só realizaram entrevistas, outros que não foram até os entrevistados e apenas recebiam o material para produção do texto. Dos dezesseis entrevistados que produziram para o jornal apenas duas pessoas relataram que todo o grupo participou de todas as etapas. Essa subdivisão entre os alunos não inibe a aprendizagem que aconteceu no decorrer da atividade, pois para cada um o processo acontece de maneira distinta, conforme Josso (2010) o percurso é singular. Essa também é uma das razões que leva Carvalho (1996) a afirmar que o currículo formal nunca coincide com o que é realizado.

Uma professora que ensina nas disciplinas de História e Sociologia do Colégio E. Dária Viana de Queiroz se apresentou como coparticipante do projeto do jornal juntamente com os colegas da Área de Humanas do Colégio. Ela disse ter buscado trabalhar nas disciplinas que leciona conteúdos paralelos aos temas que o jornal abordou. Para essa professora o fato das pessoas que estudam à noite não terem muita disponibilidade de tempo para estudar fora da escola é um fator a ser considerado.

Em meio a esse cenário a prática jornalística pode ter colaborado para os estudantes se sentirem mais autoconfiantes com as relações interpessoais estabelecidas entre os colegas de

equipe e com as pessoas que eles entrevistaram. O texto *Alteridade, subjetividade e generosidade*⁴ de Frei Betto ressalta que “É evidente que nós sabemos algumas coisas e, aqueles que não foram à escola, sabem outras tantas, e graças a essa complementação vivemos em sociedade”. A realização das entrevistas pelos alunos pareceu o momento mais importante de todo processo de criação para o *Jornal do Dária* porque dialoga com a ideia da troca de saberes. Pois, entrevistaram pessoas com conhecimentos oriundos da educação formal e pessoas que não frequentaram a escola, mas possuem saberes importantes para sociedade. A cooperação entre os alunos, no fazer coletivo, e o contato com os entrevistados parecem ter colaborado para o desenvolvimento da alteridade dos partícipes desse processo.

A **Estudante Q – GF (Grupo Focal)**, participante do grupo focal, estava desempregada na época e disse que teve mais tempo para se dedicar a atividade e ajudar os colegas de turma; “Eu ajudei o professor na sala também com muito apoio, ajudei com as entrevistas, orientei para que eles [colegas] entrevistassem pessoas da cidade”. Essa autonomia no processo formativo demonstrada pela estudante combina com a discussão de Josso (2010) sobre a pessoa tornar-se sujeito da sua formação por meio do desenvolvimento das competências e do reconhecer-se das próprias qualidades. No caso da **Estudante Q – GF**, ela percebeu que poderia orientar os colegas na pré-produção do jornal ao indicar fontes de pesquisa e no processo de produção prestando auxílio na realização das entrevistas. Esse reconhecimento das potencialidades também ficou perceptível nas falas de outros participantes da pesquisa, dentre eles está o **Estudante H**, que tem 27 anos. Além do trabalho de gari, ele também faz pregação numa igreja. Foi a segunda vez que participou do *Jornal do Dária*.

Estudante H: O terceiro ano foi bem interessante, mas o segundo foi bom também porque foi a primeira vez né [...] aí então tem uma experiência de entrevistar pessoas e também entender um pouquinho de jornalismo. Ou até o incentivamento de ser um jornalista mais tarde ou então ser alguma coisa. [...] o trabalho do jornal foi importante para todos nós, e eu antes de trabalhar morava na zona rural e tô morando aqui [zona urbana]. E a gente busca respostas de pessoas informadas que dão respostas claras e é um projeto bem interessante porque a gente aprende mais. E com o aprendizado a gente pode aplicar mais tarde, às vezes fazer alguma pergunta ou mesmo até planejar um jornal. É interessante fazer um jornal, se eu pudesse fazer um jornal com outras pessoas, poderia sim fazer um jornal.

Esse trecho possibilita várias compreensões sobre a contribuição da prática jornalística para a formação. Vale lembrar que formação está sendo pensada aqui em uma dimensão mais ampla do que pressupõe a educação formal. Essa perspectiva de formação compreende que formar-se é um processo que é contínuo e emerge das experiências que nos passam, é uma

⁴ BETTO, Frei [Carlos Alberto Libânio Christo]. *Alteridade, subjetividade e generosidade*. Disponível em: <http://www.sociologando.com.br/download/1ano_Sociologia-apost_4.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2018.

constante atualização a qual podemos perceber o seu acontecer ou não. O estudante revelou que “tem uma experiência” com o jornal porque já realizou a atividade no ano anterior, porém não é igual porque experiências nunca acontecem da mesma maneira, são únicas. Conforme Larrosa (2009) a experiência nos passa, e nesse atravessamento que é a vivência em si, a formação acontece. Então o que **Estudante H** possui é o saber da experiência, é aquilo que ficou de formativo para ele da participação na edição anterior.

Na fala do **Estudante H** percebe-se também que ele se sentiu incentivado a futuramente conhecer mais sobre jornalismo ou até buscar se tornar um profissional da área. Quando ele se refere a “[...] então ser alguma coisa” compreendo que o aluno considera que os saberes oriundos da escola estão em desarmonia com conhecimentos advindos da educação não-formal: porque ele já é “alguma coisa”, é um ser humano. Como alguns entrevistados demonstraram que veem a escola como uma etapa para conseguir uma condição melhor de emprego penso que o estudante se referiu a uma condição de estabilidade no mercado de trabalho, que pode advir da formação escolar. Isso se comprova na frase seguinte quando o estudante falou sobre buscar respostas de “pessoas informadas”, referindo-se às fontes oficiais entrevistadas para construção da matéria: autoridades ou pessoas que no imaginário da população de Barra de Choça são consideradas com maior prestígio social devido a profissão, condição financeira ou intelectual.

Além das palavras experiência e incentivo que foram proferidas pelo **Estudante H** em que há sinais de formação na produção do *Jornal do Dária*, também vale destacar o que aluno apontou sobre aprendizado. Para ele é possível aprender mais escrevendo para o jornal e os conhecimentos adquiridos poderão ser aplicados mais tarde. Aqui aparece o reconhecimento por parte do aluno que o fazer jornalístico é formativo porque possibilitou saberes que ele pode vir a precisar em algum momento da vida. Também afirmou que poderá usar dos saberes para questionar, ou seja, para ter mais autonomia e tomar decisões com mais responsabilidade ou até pensar em um dia elaborar um jornal. Essas três marcas na fala do estudante sobre experiência, incentivo e aprendizagem que também estiveram presentes nas narrativas dos demais entrevistados me levam a compreender que a prática jornalística contribuiu para a formação dos estudantes do segundo e terceiro ano do Ensino Médio, noturno, do Colégio Estadual Dária Viana de Queiroz, Barra do Choça-BA.

O **Estudante A**, já mencionado, tem 31 anos, esteve distante da escola por 12 anos e ao voltar a estudar no ano de 2017 disse ter notado menos comprometimento dos colegas com as atividades que a escola propõe. “Então eu vejo que muitos hoje estão mais procurando passar, ter um certificado do que um aprendizado”, essa afirmação se aproxima do que me

contou as estudantes **D** e **C**, com 31 e 34 anos, ambas ficaram mais de 10 anos sem frequentar a escola e voltaram a estudar no ano 2016. Elas nos contaram que inicialmente produziram o texto para o *Jornal do Dária* porque precisavam de pontos para serem aprovadas em algumas disciplinas da Área de Humanas, pois quem participa do jornal ganha dois pontos para a terceira e última unidade do ano letivo em todas as matérias curriculares que fazem parte das ciências humanas. Segue um trecho da nossa conversa:

Estudante D: Tive dificuldade. A minha colega [Estudante C] também correu atrás para conseguir, para a gente não perder, principalmente os pontos [...] Assim porque igual eu te falei, o ano tá muito corrido, a gente não tá tendo aquele tempo e por a gente trabalhar o dia todo não está tendo aquele tempo de aprendizagem, de poder estudar em casa, de poder ter um raciocínio. Aí a gente tá mais no finalzinho focando mais nos pontos. Para a gente aprender mesmo é difícil. **Pesquisadora:** Mas e essa experiência do jornal em si, qual foi o tema de vocês mesmo? **Estudante D:** A barragem do Rio Catolé. **Pesquisadora:** Barragem do Rio Catolé. E vocês já tinham estudado sobre ela nas aulas? **Estudante D:** Não. **Estudante C:** Não. **Pesquisadoras:** E esse não foi um aprendizado novo também? **Estudante C:** Com certeza. **Estudante D:** Foi um aprendizado novo. **Pesquisadoras:** Tá vindo que não é só ponto. [Risos]. **Estudante C:** Mas essa parte foi bem interessante mesmo conhecer um pouco o que o povo falava [...] a gente teve a entrevista que foi bem interessante. Ficamos bastante informados, as fotos que foram tirar lá no lugar, vai ficar muito bom para a cidade.

A pontuação referente a fazer o jornal não é relativa à qualidade do trabalho, é pela participação. Dentre todas as pessoas pesquisadas que entrevistamos essas foram as únicas que nos disseram ter realizado a atividade por causa da nota, pois a maioria dos estudantes, pelo menos na disciplina de Geografia, possuíam boas notas conforme o professor José Amorim contou. O perceber que o *Jornal do Dária* poderia valer mais que dois pontos foi um momento interessante, pois primeiro elas entenderam que possuíam saberes sobre o tema, depois notaram que entrevistar foi uma experiência boa. A nota se restringe as exigências da escola dentro de um limite, mas o saber adquirido nos acompanha vida afora.

Diante de todas as informações colhidas atreladas as discussões que se levantaram neste texto, entende-se que a prática jornalística foi um dispositivo de formação na pré-produção do jornal. Na primeira fase, em sala de aula, no momento de seleção das pautas as pessoas pesquisadas tiveram liberdade para sugerir, questionar e criticar tanto temas do currículo formal quanto assuntos que faziam parte do currículo oculto da escola. No momento de produção, segunda fase, interna e externa à escola se percebe que o fazer jornalístico colaborou para os estudantes pesquisarem sobre os temas pautados, se tornarem mais críticos e autônomos com as situações cotidianas. A alegria dos alunos com o resultado do jornal foi perceptível, pois eram participantes de um projeto em que estava em evidência a realidade e os conhecimentos deles, e isso pareceu motivador.

7. Considerações finais

Quando começamos essa investigação nos vimos cativada por jovens e adultos inspiradores que mesmo com todas as adversidades sociais que lhe são impostas cotidianamente não deixam de acreditar que através da educação vivenciarão dias melhores. Esse processo de construção do jornal que os estudantes estiveram envolvidos dialoga com a proposta de Larrosa (2002) de pensar a educação a partir da experiência. Para esse autor pensar é dar sentido ao que somos e aquilo que nos acontece. O fato dos alunos terem discutido na sala de aula os assuntos que fizeram parte do *Jornal do Dária* já é uma experiência formadora ou um incentivo a refletirem sobre assuntos do cotidiano deles. A experiência possibilitada pela prática jornalística no Colégio Estadual Dária Viana de Queiroz contribuiu para que os estudantes se sentissem mais autônomos na seleção dos assuntos que consideraram relevante pautar e na relação interpessoal ao realizar as entrevistas. Pois as narrativas deles demonstraram autoconfiança e autonomia para lidar com situações novas, a exemplo das relações interpessoais com as pessoas que entrevistaram.

A questão que norteou esta investigação foi: como a prática jornalística contribui para a formação dos estudantes do segundo e terceiro ano do Ensino Médio, noturno, do Colégio Estadual Dária Viana de Queiroz? Diante das compreensões que foram acima apresentadas entendemos que o fazer jornalístico contribuiu para a formação dos estudantes participantes da construção do *Jornal do Dária*. A partir desse contato com a práxis jornalística há a possibilidade desses alunos serem mais críticos em relação aos conteúdos jornalísticos a que têm acesso cotidianamente, pois puderam perceber que há critérios na seleção das informações que recebem diariamente. Essa percepção eles tiveram ainda na sala de aula quando escolheram os assuntos da pauta e no momento das entrevistas quando selecionaram as perguntas que fizeram para as pessoas que eles entrevistaram.

Cada aluno participou de maneira distinta do processo formativo e carregou junto suas singularidades. Durante a investigação percebemos a perspectiva de currículo de Carvalho (1996) acontecendo na escola. Pois, os estudantes discutiram sobre temas que estão presentes no currículo oculto do cotidiano da escola e que não estavam sendo contempladas nos currículos formal e manifesto. Tiveram também evidências do currículo nulo quando os alunos não contribuíram para a realização da atividade. Em resumo, o que se pretendeu fazer, o que foi feito e o que não deu para fazer revelaram essas três possibilidades de currículo apoiadas no currículo formal com os respectivos conteúdos, principalmente, os da disciplina de Geografia e os demais da Área de Humanas.

Os professores do Colégio Estadual Dária Viana de Queiroz que colaboraram com esta investigação ao serem entrevistados disseram que trabalharam em sala de aula os temas que foram pautados no jornal para auxiliar os alunos. A partir das observações realizadas durante o andamento da elaboração do jornal percebe-se que essa contribuição poderia ser maior. Os textos do jornal poderiam ser aproveitados na disciplina que trabalham com redação, o que poderia ser uma possibilidade dos alunos receberem um retorno sobre a sua escrita, por exemplo. Percebemos que mais elementos presentes na prática jornalística poderiam ser explorados, principalmente os gêneros jornalísticos, o que seria uma alternativa para a produção de outros materiais além das notícias e reportagens. Isso também poderia tornar o processo de criação e aprendizagem mais diversos, o que não diminui a importância da troca de saberes que a entrevista possibilita. Foi perceptível o empenho dos alunos do Colégio Estadual Dária Viana de Queiroz em aprender na construção do *Jornal do Dária*. Diante de todas as compreensões que foram apresentadas nesta investigação, entende-se que a prática jornalística no contexto da escola pode contribuir de distintas maneiras no processo formativo dos estudantes.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José. *Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório*. Intercom RBCC. v. 39. n. 1. São Paulo: jan. abr. 2016, p. 39-56.
- BARBOUR, Rosaline. *Grupos Focais*. Tradução Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BETTO, Frei [Carlos Alberto Libânio Christo]. *Alteridade, subjetividade e generosidade*. Disponível em: <http://www.sociologando.com.br/download/1ano_Sociologia-apost_4.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2018.
- BURNHAM, Teresinha Fróes. *Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar*. Revista Em Aberto. Ano 12. n. 58. Abr./ jun. 1993. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/about>>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- CARVALHO, Maria Inez da S. de S. *Por uma perspectiva deliberatória do currículo*. Revista FAEEBA. Ed. 5. Jan/jun. 1996. p. 137-147.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto*. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*. Vitória: 2007. Disponível em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2018.

FERRAZ, Thaís. *Conheça a história do movimento pelos direitos LGBT*. Politize. Disponível: <<http://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

FILHO, Aldo Victorio. *Pesquisar o cotidiano é criar metodologias*. Revista Educação e Sociedade. Vol. 28. n. 98. Campinas: CEDES, jan. / abr. 2007. Disponível em: <<https://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

FORMAÇÃO. DICIONÁRIO da língua portuguesa. Brasil: Priberam, 2018. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/forma%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 2 mar. 2018.

GADAMER, Hans-George. *Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*. 3. ed. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. v. 6. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. *Teoria do jornalismo*. Palestra de Adelmo Genro Filho. Revista Fenaj. Ano I. nº. 1. Mai 1996.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IJUIM, Jorge Kanehide. *Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem*. Covilhã, Portugal: LabCom, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação*. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (Orgs). *O método (auto)biográfico e formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LARROSA BONDÍA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. Campinas: n. 19, Jan. Fev. Mar. Abr. 2002.

_____. *Nietzsche e a Educação*. Tradução Semíramis Gorini da Veiga. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LOPES, Dirceu Fernandes. *Jornal Laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*. v. 32. São Paulo: Summus, 1989.

MARQUES DE MELO, José. *Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos*. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, RS: Intercom, set. 2010.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

PAIVA, Élica Luiza. *Narrativas de histórias de vida como formação de si: um jogo com adolescentes do Povoado do Maracujá*. Lisboa: Chiado Editora, 2018.

SILVA, Gislene. *Valores-notícia: atributos do acontecimento*. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são*. 3.ed. Florianópolis: Insular, 2012.

TRESCA, Laura Conde. Gênero Informativo. In: ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José (Orgs). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

VIANNA, Heraldo Marelím. *Pesquisa em Educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003.

VIDA Maria. Direção de Márcio Ramos. Ceará: Viacg; Trio Filmes, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4&t=451s>. Acesso em: 24 fev. 2018. (9 min), son. color., 35mm.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Tradução Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2005.